



Boletim Academia Paulista de Psicologia
ISSN: 1415-711X
academia@appsico.org.br
Academia Paulista de Psicologia
Brasil

Chiapetti, Nilse; Pérez Ramos, Juan
Chiapetti, N. Comportamentos de risco em pré-adolescentes institucionalizados na perspectiva da
teoria ecológica
Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. XXIII, núm. 2, maio-agosto, 2003, pp. 24-35
Academia Paulista de Psicologia
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94623211>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

por Peter McCormick and Frederick A. Elliston. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981. (Edição original publicada em 1928)

- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. (C. A. R. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)
- Pratt, J. B. (1907). *The psychology of religious belief*. New York / London: The Macmillan Company / Macmillan & C.O, Ltd.
- Rorschach, H. (1974). *Psicodiagnóstico*. (M. S. V. Amaral, trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1921).
- Traubenberg, N. R. (s. d.). *A prática do Rorschach*. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1970)

◆ CHIAPETTI, N. *Comportamentos de risco em pré-adolescentes institucionalizados na perspectiva da teoria ecológica*¹

Nilse Chiapetti²

Universidade Tuiuti do Paraná

Juan Pérez-Ramos³

Cadeira nº 13, "Renato Kehl"

Resumo: Investiga os comportamentos de risco em pré-adolescentes institucionalizados por intervenção judicial devido a situações de abandono ou à procedência de famílias completamente desestruturadas. Tais condutas são estudadas em função da vulnerabilidade a quadros psicopatológicos sobre dependência química, sexualidade desproporcionada, agressividade exacerbada e intensa inadaptação social. Os objetivos e hipóteses formulados se referem à comprovação das relações entre os comportamentos de risco detectados e os fatores adversos existentes nos contextos de convivência dos participantes da pesquisa: microssistema (contexto familiar), mesossistema (contexto escolar) e macrossistema (contexto comunitário-institucional), conforme parâmetros do Modelo Ecológico de Bronfenbrenner. São participantes duas amostras representativas da população acolhida juridicamente em uma instituição comunitária: 50 alunos do ensino fundamental, masculinos, de 11 a 14 anos, internos, integrando o grupo experimental (G.E.), e outros tantos, com as mesmas variáveis sócio-demográficas, mas na condição de externos, constituindo o grupo controle (G.C.). Emprega-se, para a coleta de dados, o Questionário Pre-A2, de Pérez-Ramos. Os resultados mostram que a relação entre os comportamentos de risco analisados e os

¹ Relato atualizado da tese de doutorado Comportamento de risco em pré-adolescentes institucionalizados, defendida pela primeira autora no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2001, sob a orientação do segundo autor. Apoio financeiro da FAPESP.

² Professora – Doutora do Curso de Psicologia. Endereço para correspondência: R. Jerônimo, 1314 ap. 14 – CEP 80730-270 – Curitiba/PR. Tel.: (41) 3356466. E-mail: chiapetti@yahoo.com.

³ Endereço para correspondência: Rua Pelágio Lobo, 107 – Perdizes – CEP 05009-020 – São Paulo/SP. Tel. (11) 38621087. E-mail: juanaidyl@terra.com.br.

fatores adversos identificados aponta para uma apreciação no G.E. mais equilibrada e de resistência à vulnerabilidade aos transtornos citados, especialmente no que se refere ao uso de tóxicos e aos comportamentos sexuais desviantes. No G.C., observa-se maior adesão daqueles quadros psicopatológicos, em função da diversidade dos contextos estudados. Em ambos grupos, detecta-se menor predisposição aos comportamentos de risco no ambiente escolar.

Palavras-chave: comportamento de risco, Modelo Ecológico de Bronfenbrenner, pré-adolescentes institucionalizados.

1. Introdução

Dadas as condições de precariedade de um significativo contingente populacional de "menores" abandonados ou sem a mínima assistência familiar, as autoridades judiciais têm-se responsabilizado pelos mesmos, encaminhando-os a instituições tipo internato. Tal iniciativa tem sido objeto de questionamento, por parte de certos estudiosos, alegando que tal procedimento agrava a problemática desses "menores", ao invés de resolvê-la. Outros, pelo contrário, são favoráveis a essa providência, alegando benefícios para o melhor desenvolvimento desses jovens, dependendo, naturalmente, das condições e características das instituições que os acolhem. Tal divergência, junto à gravidade da problemática que se apresenta, indica a necessidade de se promover investigações esclarecedoras e, consequentemente, fomentar as intervenções que forem pertinentes. A presente pesquisa procurou conhecer a real natureza dessa situação. Seus objetivos e hipóteses referiram-se à identificação dos comportamentos de risco nos pré-adolescentes, nas condições mencionadas, assim como os fatores adversos no meio institucional em que são acolhidos, tanto no que respeita aos âmbitos familiar e escolar, como no comunitário em geral. Uma vez identificados, estabeleceram-se suas relações mais importantes.

Foi determinada para o estudo uma instituição de acolhimento judicial de "menores", constituída de um conjunto de lares substitutos e de recursos comunitários, que se aproximam a um típico contexto populacional aberto. Dessa instituição foram selecionadas amostras representativas, constituídas por dois grupos de participantes no período da pré-adolescência, G.E. (em regime de internato) e o G.C. (em regime de semi-internato), período de vida, considerado mais vulnerável à influência dos fatores ambientais. Para a coleta de dados foi escolhido e adaptado o Questionário Pré-A2, de Pérez-Ramos (in Chiapetti, 2001). Este instrumento permitiu analisar as dimensões sócio-demográficas, de fatores de risco e de comportamentos de risco.

Os resultados foram obtidos através de cálculos e análises estatísticos, contemplando as três dimensões citadas e suas relações, mediante comparação dos dados provenientes do G.E. e do G.C. Tanto os achados, como sua discussão, foram fundamentados na literatura analisada e organizados conforme à estrutura norteadora da abordagem ecológica empregada, à luz dos objetivos e hipóteses formulados para a investigação. As conclusões se centralizaram na consecução dos objetivos propostos e na aceitabilidade das hi-

póteses estabelecidas, considerando a pertinência da literatura examinada e, também, da metodologia empregada.

2. Contribuições Bibliográficas

Extensa revisão bibliográfica serviu de fundamento para a pesquisa que ora se relata, à luz do Modelo Ecológico de Bronfenbrenner e suas extensões. Contribuições sobre a vulnerabilidade do pré-adolescente e sobre os comportamentos de risco em que podem incorrer, assim como os fatores adversos nos meios de sua convivência, constituíram as unidades em que se apoiou a referida análise.

Quanto ao enfoque teórico de Bronfenbrenner, sintetizaram-se seus fundamentos e os três sistemas de aplicabilidade para o presente estudo. Basta-se, conforme o autor (Bronfenbrenner, 1996) na concepção do ser humano como entidade dinâmica que, progressivamente, vai ampliando suas interações com os ambientes nos quais se integra. Estes, por sua vez, lhe exercem continuamente sua influência, esteja ele próximo ou distante dessa interrelação. Continuadores dessa concepção teórica, como Sarriera (1998), destacam a importância dessa rede de interação: o indivíduo e o meio, em seus diferentes contextos, como também suas posições e conexões.

Dos sistemas concebidos por essa abordagem ecológica, estruturados concêntricamente, foram escolhidos para o presente estudo: o *microssistema*, considerado de influência mais direta sobre o indivíduo, sendo como exemplo apropriado o contexto familiar. O próximo, em ordem de distanciamento, trata-se do *mesossistema*, definido pelo conjunto de relacionamentos menos diretos, cujo ambiente representativo, considerou-se o contexto escolar. E, ainda, em localização mais distante, encontra-se o *macrossistema*, que compreende os aspectos relacionados com o contexto comunitário, incluindo estilo de vida, valores religiosos e outras variáveis significativas. O modelo tem sido ampliado na sua abrangência a diversos grupos sociais, como é o de jovens procedentes de segmentos sócio-culturais carentes (Sarriera, 1998; Scarparo e Martin-Gonzalez et al, in Sarriera, 1998). Reitera-se, assim, a aplicabilidade do modelo escolhido para o trabalho que ora se relata.

Quanto à *vulnerabilidade na pré-adolescência*, constitui tema de difícil referência bibliográfica, apesar de ser clara a fragilidade desse período etário às influências ambientais, devido principalmente, à intensa transformação biológica que se apresenta nessa fase de vida, acompanhada de mudanças de ordem emocional, especialmente pela transição do papel de criança, sem, no entanto, alcançar o outro, de adolescente. Alsaker (1996) e Constantino (2000) lembram que, muitas vezes, os contextos sociais de convivência do pré-adolescente não favorecem o seu eficaz desenvolvimento, circunstância comum nos segmentos sócio-familiares carentes, que comprometem e intensificam os problemas típicos dessa fase de vida, aumentando, assim, sua vulnerabilidade às psicopatologias. Nessa ordem de idéias, são feitas considerações essenciais sobre os *fatores de risco* que incidem nos ambientes de convivência citados. Muitos autores são unâmines em comprovar a influência

Os estudos afirmam que a intensidade de tais elementos, depende do tipo dessas organizações e de seu processo de educação e socialização, evidenciando certos fatores de risco (carência de relações individualizadas, rompimento com os familiares de origem, relações com pares de condutas desviantes, entre outros) e também de proteção (como são a formação de laços afetivos, em especial com os "pais substitutos", manutenção do contato com a família de origem, reinserção adequada dos atendidos na comunidade aberta). Os trabalhos de Altoé (1985), Guirado (1996), Gomide (1998) e Rizzini (1985) são considerados expoentes no destaque dos fatores de risco e, por outro lado, Constantino (2000), Chiapetti (2001) e Finato (1997) compartem opiniões favoráveis aos fatores de proteção.

3. Objetivos e hipóteses

Os mesmos foram elaborados com base na literatura examinada e, principalmente, na experiência obtida por Chiapetti (1996), primeira autora, ao realizar uma pesquisa sobre o perfil psicossocial de pré-adolescentes institucionalizados na mesma entidade e em população semelhante à da investigação em referência. Os objetivos foram elaborados em termos do geral e do específico, com hipóteses conjugadas. Quanto ao geral, este se configura pela análise do comportamento de risco em pré-adolescentes legalmente acolhidos em instituições, à luz do Modelo Ecológico de Bronfenbrenner. Os específicos, constituíram-se conforme metas operativas destinadas a alcançar o objetivo geral. Quatro hipóteses foram formuladas em função da variável dependente (comportamento de risco) e da independente (fatores diversos advindos do microssistema, do mesossistema e do macrossistema, tomados em seu conjunto ou separadamente).

4. Metodologia

A escolha do contexto institucional, dos participantes da pesquisa, a determinação e adaptação do instrumento de coleta de dados e a categorização para análise dos resultados, constituíram os procedimentos metodológicos empregados. Estabeleceram-se critérios para selecionar a entidade, baseando-se na existência de pré-adolescentes, masculinos, de 11 a 14 anos e alunos do ensino fundamental, na qualidade de internos uns e externos outros, além das exigências que caracterizam uma instituição comunitária, como são a existência de casas-lares, escola, serviços religiosos, áreas de esportes e unidades sanitárias. Complementa este conjunto de critérios, a implementação de programas de atendimento integral que incluem educação familiar, aprendizagem escolar, treinamento vocacional, atividades esportivas e recreação, assim como formação moral e religiosa.

Baseando-se nessas condições, e contando com a aquiescência da sua diretoria, foi escolhida uma instituição comunitária de caráter filantrópico, localizada na periferia de uma cidade de grande porte, acolhendo, na condição de *guarda e abrigo judicial* 280 internos (destes, aproximadamente 80 são pré-adolescentes) e incluindo também, mas sem essa exigência, 250 alunos externos (cerca de 80 pré-adolescentes) procedentes da vizinhança.

O instrumento de coleta de dados constituiu-se do Questionário Pré-A2, de Pérez-Ramos (Chiapetti, 2001), adaptado do Questionário Pré-A, do mesmo autor (Pérez-Ramos, in Chiapetti, 1996). Tem por finalidade identificar os fatores de risco nos meios de convivência aos quais os pré-adolescentes em estudo (G.E. e G.C.) estão expostos, bem como as condutas de risco previstas no seu repertório comportamental. De aplicação oral e individual, consta de 78 itens: 12 referentes a dados sócio-demográficos, 42 tipo Likert, correspondendo a fatores de risco referentes ao ambiente familiar, escolar e comunitário, e 24, também do mesmo tipo, abrangendo comportamentos de risco em relação a tóxicos, agressividade, sexualidade e inadaptação social. A fim de verificar a adequação do Questionário Pré-A2 à pesquisa, foi realizado, preliminarmente, um estudo piloto. Seus resultados revelaram altos níveis de precisão e de fidedignidade, indicando positiva eficácia do instrumento para os fins a que o mesmo foi destinado.

Em termos de categorização das variáveis para a análise dos resultados, previu-se o emprego de cálculos estatísticos de tendência central, de dispersão e de significância, entre outras. Nas questões relativas aos fatores e aos comportamentos de risco, utilizaram-se para fins de cálculos, ponderações graduais nas avaliações dos participantes, em função da escala Likert adotada (1 a 3 valores), partindo do nº 1, resposta favorável ou positiva, para chegar ao nº 3, resposta desagradável, duvidosa ou negativa. Além do mais, foram determinados cruzamentos entre as variáveis de maior significação, provenientes da primeira dimensão em relação às demais.

5. Resultados

Seguindo a ordem prevista, foram analisados, primeiramente, os **dados sócio-demográficos**. Estes revelaram apenas relativa diferença entre os grupos quanto à idade e à escolaridade, e diversidade mais expressiva nas atividades extra-escolares (atividades desportivas e de lazer, treinamento vocacional e catequese). Os participantes do G.E. são, relativamente, mais jovens do que seus pares (G.C.), apresentando certo atraso escolar (de 6 meses para mais) no início das séries escolares estudadas. Ao avançar da escolaridade, a defasagem foi diminuindo em um ritmo mais positivo de progresso, que no G.C.

Ganho bem mais intenso observou-se no G.E. quanto às atividades extra-escolares, a julgar pela sua alta freqüência às mesmas. Quadro oposto se denota ao apreciar os resultados relacionados à convivência com a família biológica e sua constituição. Enquanto que os pré-adolescentes do G.E. passaram até a idade de 4 a 7 anos no ambiente de origem, provavelmente na companhia dos seus familiares, os do G.C. estiveram convivendo todo o período de sua existência com seu núcleo familiar, especialmente em contato com a figura materna. Por outra parte, o relacionamento atual dos internos com seus familiares se mostra bastante distante; seja por contato apenas ocasional, ou ainda, por nenhuma convivência.

Quanto à constituição familiar, denota-se condição deficitária no G.E. Somente um pouco mais da metade deles conta com ambos os pais vivos e,

em contraposição, 2/3 dos participantes do G.C. os possuem e convivem com seus genitores. Em expressiva proporção, falta ao G.E. a figura paterna, o que é acrescido por um número, ainda que reduzido, de pais ignorados. A condição sócio-familiar deficiente neste grupo é também refletida pelo tipo de moradia: um pouco mais da metade de seus familiares vive em casa ou apartamento (tipo popular) e o restante em favela ou mesmo na rua, afora 1/3 dos participantes que revelaram residência familiar desconhecida. Situação favorável se apresenta, por outro lado, no G.C., uma vez que a grande maioria reside com seus familiares em casa ou apartamento, ainda que de tipo popular.

Sobre os **fatores de risco**, destacam-se os que são mais incidentes na formação dos comportamentos de risco. Em relação ao *ambiente familiar*, prevalecem no G.E. apreciações desfavoráveis, tanto referentes ao relacionamento com o genitor, quanto ao contexto familiar em geral. Considera-se, no entanto, o relativo valor de tais opiniões devido ao precário contato que os integrantes desse grupo mantêm com seus familiares. Enquanto que no G.C., a maioria deles mantém relacionamento regular com o pai, além do já referido, em relação ao núcleo familiar.

Quadro menos intenso se observa no G.E., em relação com a figura materna. A ausência deste contato se apresenta em quase a metade dos seus integrantes, prevalecendo naqueles que mantêm alguma relação com a mãe, avaliação inadequada ou indesejável. Tal situação, considerada como fator de risco, torna-se mais evidente quando comparada com os participantes do G.C., os quais, na totalidade, mantêm contato diário com suas genitoras. A postura destes últimos é menos crítica com a figura materna e de total aceitação quanto ao contexto familiar.

Quanto ao *ambiente escolar* não aparecem fatores de risco na apreciação dos pré-adolescentes, uma vez que ambos os grupos o valorizam positivamente. No entanto, em referência ao *contexto comunitário*, no geral, denota-se apreciação positiva por parte dos internos. Por outro lado, no G.C., uma expressiva proporção percebe com respeito e até com insatisfação tal contexto. Em termos específicos, em referência às amizades, práticas e valores religiosos, e treinamento vocacional como também expectativas para o futuro, não se apresentam diferenças entre os grupos no primeiro item, mas sim nos dois últimos. Quanto à religião, proporção mínima dos internos a valoriza negativamente, enquanto que os externos assim a apreciam em proporção bem maior. Situação relativamente inversa ao item anterior se observa, em relação às expectativas para o seu futuro: praticamente a metade do G.E. apresenta idéias indefinidas e mesmo pessimistas em relação às mesmas e, no G.C., tal tipo de apreciação se manifesta em freqüência bem menor.

Analizando as informações sobre os **comportamentos de risco**, notou-se que no G.E. suas apreciações são predominantemente de resistência ao desenvolvimento dessas condutas. Situação contrária, em todas as conotações dos transtornos apontados, se observa no G.C., cujas avaliações se mostram em nível de indecisão ou ainda de tendência à adesão. Prevalecem as res-

postas de total resistência do G.E. em relação ao uso de tóxicos e nos demais transtornos no gênero aparecem certas apreciações favoráveis a eles, mas em nível bem discreto. No G.C., tais manifestações se dirigem mais a sua aceitação, chegando a alcançar quase a metade de seus integrantes, nas de inadaptação social e de agressividade.

Tratando-se do **cruzamento das variáveis**, consideram-se aquelas de maior relevância e passíveis a esse tratamento estatístico. Assim, a falta de um ou de ambos pais, indicou no G.E., apesar das limitações de representatividade, quase inexistência das apreciações facilitadoras ao desenvolvimento das condutas de risco. Situação diversa é a que se notou no G.C., onde se observaram maior freqüência dessas tendências, especialmente nos casos específicos de falta do genitor no lar, destacando-se maior intensidade em relação às apreciações favoráveis à agressividade e à inadaptação social.

Em termos do contexto escolar, considerou-se a defasagem na aprendizagem, cujos resultados mostraram-se semelhantes aos resultados de ambos grupos, menos quanto ao ritmo no seu declínio. No entanto, com respeito às atividades extra-escolares, apesar de sua limitada representatividade, os internos continuaram superando os externos nas manifestações de resistência aos comportamentos de risco havendo, no entanto, algum comprometimento em relação à sexualidade e à inadaptação social na prática de esportes, recriação e treinamento vocacional. Quanto ao G.C., denotaram-se apreciações favoráveis a todas as conotações dos quadros psicopatológicos citados com as atividades extra-escolares, havendo, contudo, certa resistência a essas condutas em relação à catequese.

6. Discussão

O desenvolvimento desta unidade é efetuado conforme os sistemas escolhidos da abordagem ecológica de Bronfenbrenner em suas relações com o comportamento de risco, mediante comparações com os achados da literatura estudada e os resultados obtidos na pesquisa.

Com respeito ao **comportamento de risco x microssistema (lar)**, os autores consultados destacam a desestruturação da família, incluindo a inexistência de um ou ambos genitores, como fator de risco que impulsiona consideravelmente o desenvolvimento de condutas vulneráveis à dependência química, à delinquência, entre outros transtornos psicossociais de gravidade, em especial na pré-adolescência. No entanto, os resultados alcançados nesta pesquisa, apesar das condições claramente adversas do ambiente familiar de origem, os internos (G.E.), objeto de estudo, apresentaram resistências frente ao desenvolvimento daqueles transtornos, situação que fica bem clara quando é comparada com as do G.C. Este último, apesar de proceder de famílias mais organizadas, mostrou-se bem mais propenso ao uso e tráfico de drogas e ainda em menor proporção aos demais transtornos citados. Tais considerações contrariam parcialmente os resultados dos estudos congêneres examinados.

Situação semelhante nos achados bibliográficos e com os resultados desta investigação, em relação ao **comportamento de risco x mesossistema** (ambiente escolar). Os posicionamentos derivados de ambas as fontes são semelhantes quanto à defasagem escolar e à falta de atenção individualizada no ensino, como fatores de risco. No entanto, os alunos internos (G.E.) apresentaram essas defasagens a partir do início da série escolar estudada. Ao decliná-la, percebeu-se que também decaía a vulnerabilidade ao desenvolvimento daqueles transtornos. Contudo, nesse descenso houve um aumento expressivo do número de alunos com esse atraso escolar na 5ª série do ensino fundamental, momento em que se apresenta a transição de um ou poucos professores que, possivelmente proporcionavam atenção mais individualizada a seus alunos, para a de vários, provavelmente, em um clima de distância às necessidades individuais. Coincidemente, nessa série, intensificou-se maior comportamento de risco. No G.C., observou-se maior vulnerabilidade aos transtornos em estudo, em especial no referente às drogas, à agressividade exacerbada e à intensa inadaptação social.

Quadro complexo para a análise comparativa se evidencia no **comportamento de risco x macrossistema**, devido principalmente às diferenças existentes entre as comunidades em que vivem os pré-adolescentes em estudo: a institucional e a comunidade aberta. Contudo, existem entre elas certas condições comuns, como a de precariedade ambiental, que se complementa com as interrelações entre elas, haja vista a freqüência de alunos da vizinhança da instituição, aos seus recursos educacionais. Ademais, acresce a dificuldade dessa análise à variedade de fatores adversos freqüentes nessas comunidades.

Os autores consultados concordam com essa diversidade de fatores que favorece o incremento do comportamento de risco nas comunidades citadas. No entanto, há de se considerar o posicionamento contrário daqueles que defendem a influência positiva dos fatores de proteção. Tal posicionamento possivelmente possa explicar as reações de resistência dos pré-adolescentes internos aos transtornos psicossociais referidos, condição que se esclarece mais ao compará-las com a expressiva tendência ao comportamento de risco manifestada pelos alunos externos. Desses fatores de proteção, destaca-se a influência positiva das "casas-lares", embora este recurso na instituição em exame, não se afigure como o esperado, devido ao excesso de internos vivendo em cada uma delas.

Tratando-se das diversas sub-unidades inseridas no contexto comunitário institucional, das quais participaram os dois grupos de pré-adolescentes (G.E. e G.C.), nota-se certa concordância entre os achados da literatura estudada e os resultados obtidos na pesquisa. No entanto, novos conhecimentos são acrescidos a partir do tratamento dos presentes dados. Um aspecto comum é observado nos resultados: em todas as sub-unidades, salvo certas diferenças, as apreciações dos integrantes do G.E. com respeito aos fatores de risco são bem pouco sensíveis, como também em relação aos comporta-

mentos de risco. Situação contrária se apresenta no G.C.: maior sensibilidade a esses fatores e maior adesão a esses comportamentos. No entanto, apresenta-se uma exceção a que corresponde às expectativas para o seu futuro invertendo-se os resultados: indecisão e pessimismo do G.E., quanto ao futuro e maior expressividade aos comportamentos de risco; no G.C., apreciação realista perante tal situação e menor vulnerabilidade ao desenvolvimento dos transtornos psicopatológicos em referência. A resposta a essas situações ficam para estudos posteriores.

7. Conclusões

Estas, generalizáveis as grupos de pré-adolescentes de onde foram extraídas as amostras objeto de estudo, atentam para a possibilidade de analisar o comportamento de risco em função dos fatores adversos identificados no microssistema; no mesossistema e no macrossistema, concebidos estes conforme o Modelo Ecológico de Bronfenbrenner. Tais comportamentos são apreciados pelos participantes da pesquisa, por adesão ou resistência aos transtornos de natureza psicossocial em análise. Por essas vias, concretizou-se a efetivação do objetivo geral da pesquisa em referência.

A hipótese de causalidade identificada com esses parâmetros no G.E. e no G.C. possibilitou inferir a relação de que quanto mais expostos estejam os pré-adolescentes aos fatores de risco ambientais, maior é o desenvolvimento de comportamentos de risco. Confirmou-se, dessa forma, a hipótese geral tendo como variável dependente o comportamento de risco e, independente, os três sistemas citados derivados do Modelo Ecológico de Bronfenbrenner.

Seguindo esse direcionamento foram verificados o alcance dos objetivos específicos e as hipóteses a eles integradas, em referência a cada sistema, separadamente. Quanto ao microssistema há claras divergências entre os grupos (G.E. e G.C.), tanto em relação à periodicidade na incidência dos fatores de risco do ambiente familiar de origem, quanto ao tipo de comportamento de risco expresso. O G.E., embora apresentando relacionamento ocasional com seu ambiente familiar, manifestou clara resistência ao desenvolvimento dos transtornos psicopatológicos em referência. Pelo contrário, o G.C., em contato regular com seus lares, mais estruturados, mostrou clara adesão aos referidos transtornos. No mesossistema, independente das considerações positivas de ambos grupos sobre a escola, identificou-se a relação da defasagem escolar com as apreciações de adesão aos comportamentos de risco, intensificando-se tal situação no G.C.

Quanto ao macrossistema, constatou-se positiva participação do G.E. aos recursos comunitários oferecidos pela instituição e também efetivas resistências às condutas de risco, especialmente quanto aos tóxicos e à sexualidade inapropriada. Situação contrária se detectou no G.C.: menor aproveitamento de tais recursos e clara adesão aos comportamentos de risco, em especial quanto à agressividade e inadaptação social. No entanto, observou-se como exceção a esta tendência a referente às expectativas para o futuro, invertendo-se os resultados em favor ao G.C.

Como conclusão geral, pode-se afirmar que há suficientes evidências que comprovam a relação entre comportamentos de riscos e diversidades ambientais, deixando para novos estudos a posição seqüencial dos vários sistemas estudados, conforme o Modelo Ecológico escolhido. Em complemento, a pesquisa confirma como favorável o acolhimento judicial de “menores”, nas condições estudadas, em instituições comunitárias com as características que serviram de fundamento à pesquisa relatada.

8. Referências bibliográficas

- Alsaker, F. D. (1996) Annotation: the impact of puberty. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37 (3), 249-58.
- Altoé, S. (1985) Os processos disciplinares nos internatos de menores. *Espaço: Cadernos de Cultura USU* (11), 17-38.
- Bronfenbrenner, U. (1996) *A Ecologia do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chiapetti, N. (1996) *Caracterização do perfil psicossocial de pré-adolescentes institucionalizados*. São Paulo, 167 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Chiapetti, N. (2001) *Comportamento de risco em pré-adolescentes institucionalizados*. São Paulo, 182 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Compas, B. E.; Hinden, B. R.; Gerhardt, C. A. (1995) Adolescent development: Pathways and processes of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, (46), 265-93.
- Constantino, E. P. (2000) *Meninos institucionalizados: a construção de um caminho*. São Paulo: Editora Arte e Ciência.
- Finato, M. S. S. (1997) *Famílias substitutas: solução para o abandono infantil?* Marília, 108 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação de Marília – UNESP.
- Gbézo, B. E. (2001) Servicios de salud: donde el peligro acecha. *Trabajo: Revista de la O.I.T.* (41), 24-17.
- Gomide, P. I. C. (1988) A instituição e a identidade do menor infrator. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 8 (1), 20-22.
- Guirado, M. (1996) Instituições e relações afetivas – o vínculo com o abandono. (3^a ed.) São Paulo: Summus.
- Lemos, C. G. (2000) *Adolescência, identidade e escolha da profissão no mundo do trabalho atual: um estudo exploratório*. São Paulo, Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Martin-Gonzalez, J. In: Souza, L.; Freitas, M. F. Q.; Rodrigues, M. M. P. (1998) *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 389-390.

- Pérez-Ramos, J. (1996) In: Chiapetti, N. *Caracterização do perfil psicossocial de pré-adolescentes institucionalizados*. São Paulo, 167 p. Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Rizzini I. (1985) A internação de crianças em estabelecimentos de menores: alternativa ou incentivo ao abandono? *Espaço: Cadernos de Cultura USU*, (11), 17-38.
- Rhodes, A.L.; Reiss, A.J.Jr. (1990) The religious factor and delinquent behavior. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, (7), 83-98.
- Sarriera, J.C. (1998) O modelo ecológico-contextual em psicologia comunitária. In: In: Souza, L.; Freitas, M.F.Q.; Rodrigues, M. M. P. *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 373-396.
- Scarparo, J. (1998) In: Souza, L.; Freitas, M.F.Q.; Rodrigues, M. M. P. *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Scott, S. L. (1991) *The influence of parents and religion on adolescents problem behavior*. Ann Arbor. Doctoral Dissertation – Harvard University.
- Seidman, E.; Allen, L.; Aber, J. L.; Mitchell, C.; Feinmen, J. (1994) The impact of school transitions in early adolescence on the self-system and perceived social context of poor urban youth. *Child Development*, (65), 507-22.

